

## A VIAGEM NARRATIVA DE *OS SERTÕES*: O DESGASTAR DE UM CORPO

Vivianne Milward Azevedo \*

Ainda sangra sob o açude majestoso  
Sob a aurora nosso povo luta e canta  
Na memória os algozes estão vencidos.  
Manoel Neto, *Canudos*.

### 1. *Roteiro de Viagem : perspectivas e possibilidades.*

A leitura da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, nos põe diante de uma experiência extraordinária, que surge no momento em que nos percebemos cheios de indagações tanto sobre o movimento de escrita da obra, quanto o de leitura. Esses questionamentos nos encaminham a uma busca intensa, na tentativa de suprir nossas necessidades de entendimento da relação que se dá entre leitor-obra-escritor. Mas *Os sertões* não se prestam a uma leitura de buscas, ou análises, de pontos pré-determinados, pois o caminho de construção da narrativa, pela leitura, nos deixa à mercê de emoções nunca imaginadas. Não se pode embarcar na leitura dessa obra sem esperar um desembarque com profundas cicatrizes, seja pelas características da sua escrita, da temática, das cenas expostas com emoção e surpresa, seja pela descoberta de um outro, que se faz companheiro dessa viagem, ou mesmo pela revelação das pluralidades da morte e da verdade. Portanto, ao nos propormos traçar um percurso de leitura para essa obra, não o encaramos como mais uma leitura de uma obra valiosa e sim como uma aventura pelas trilhas das multiplicidades.

Assim, ao escolhermos a obra **Os Sertões**, como objeto de análise para esse ensaio, sabíamos que isso significaria estar disposto a penetrar num espaço nunca visitado anteriormente, e a conhecer um universo no qual as possibilidades se apresentam incessantemente e nos instigam a desvios da rota traçada inicialmente. É preciso não nos

---

\* Vivianne Milward de Azevedo é doutoranda da Faculdade de Letras da UFF/ Rio de Janeiro. Recebeu a bolsa de pesquisa do Instituto Camões pela Cátedra Jorge de Sena.

deixar envolver por sua sedução, o que não é fácil, pois, após a luta inicial das primeiras leituras, causada pela densidade do texto e da temática, ocorre um caso amoroso; desses que se encontram no espaço limítrofe do amor e ódio, da certeza e da dúvida, do querer e da repulsa. E talvez, o que mais nos atraia nessa aventura narrativa seja o encontro com proposições da verdade. Isso mesmo, a relação do autor com a verdade encontrada em si mesmo e com a descoberta da dificuldade da escrita possibilita, a nós leitores, o desvendar da nossa própria proposição de verdade.

O encontro com a verdade estará presente em cada página do livro, em cada voz que sobressai de suas linhas, em cada nova descoberta e, principalmente, na tentativa de fuga do sujeito que se mostra durante a narrativa. Envolvendo-nos desse modo, esse encontro deixa de ser exclusividade do sujeito-narrador e passa a ser, também, a busca de nós leitores por nossas próprias descobertas. Não há maneira de o leitor de *Os sertões* se pôr apenas como um mero espectador; há, por parte da obra, a exigência de envolvimento efetivo. Isso ocorre por vivenciarmos, durante a leitura, um movimento constante de busca, perda e encontro, que nos encaminha à descoberta de nós mesmos.

Esse envolvimento com a narrativa se assemelha, a nosso ver, ao que acontece com o escritor dessa narrativa, pois o jornalista Euclides da Cunha se verá sentenciado à morte, não conseguindo manter suas posturas e propostas iniciais. A essa constatação chegamos ao evidenciarmos as posturas duais do sujeito da enunciação do texto, pois há nelas visivelmente um movimento dialético, como se o homem da ciência pusesse em xeque todos os seus saberes científicos perante a visão das atrocidades daquilo que nomeavam de guerra.

A visão da Guerra de Canudos levaria Euclides da Cunha a vivenciar cenas que o marcariam por toda sua breve vida. O tormento causado por essa vivência nos campos de batalha, ou chacina, obrigava-o a construir o “livro vingador”, como ele se referia à sua obra. Havia urgência em denunciar as atrocidades que ocorreram no sertão baiano. Mas o engenheiro Euclides não contava com a impossibilidade dessa empreita; ele, homem de cálculos e medidas, não esperava que sua escrita se tornasse, também, um grande tormento. Isso pode ser percebido no início da obra, onde ele, na “Nota preliminar”, se propõe a ser um fiel narrador de verdades:

E tanto quanto permitir a firmeza do nosso espírito, façamos jus ao admirável conceito de Taine sobre o narrador sincero que encara a história como ela o merece:

---

... “il s'irrite contre les demi-verités Qui sont des demi-faussetés, contre les auteurs Qui n'altèrent ni une date, ni une généalogie, mais dénaturent les sentiments et les moeurs, Qui gardent le dessin des événements et en changent la couleur, Qui copient les faits et défigurent l'âme: il veut sentir en barbare, parmi les barbares, et, parmi les anciens, en ancien.”<sup>1</sup> (CUNHA. 1997: 8)<sup>2</sup>

Ao mencionar as orientações do pensador francês Hippolythe Taine, Euclides deixa claro o modelo escritural que irá seguir. Parte, assim, do projeto de uma literatura científica, propondo a equação entre o imaginado, o visto e o experimentado, com todas as suas contradições; uma literatura que, tal e qual o discurso científico, se propõe a substituir a experiência. Esse pensador, que tanto influenciou Euclides, fez convergir Literatura e Ciência experimental, homem de ciência e romancista, alicerçando as bases teóricas do naturalismo. *Nesta forma literária, a ciência experimental conduz a um conhecimento positivo dos fenômenos com fins pragmáticos e próximos. As inquietações do homem de ciência e do novelista têm na natureza humana a mesma raiz ontológica diversificada em duas formas diferentes de dedicação* (Lemos. 2000: 44). Assim, Literatura e Ciência findariam na moral, já que ambas buscam a verdade. Inspirado por Taine e apoiando a construção de seu discurso, “moderno e científico”, na matemática e no positivismo de Comte, Euclides tenta concretizar a convergência entre Ciência e Literatura, pretendendo mostrar em seu livro um *mundo que nenhum véu encobre*<sup>3</sup>.

Diante do exposto, já se evidencia a morte como elemento norteador de nossa leitura de *Os sertões*, já que ela se apresenta, a nosso ver, anterior mesmo ao momento de pretensão da escrita até a possibilidade de sua realização. Não podemos nos esquecer que há três mortes principais em relação ao próprio Euclides da Cunha, pois há a morte do jornalista, a morte do engenheiro e a morte do autor. Passemos, então, a demonstrar o que denominamos *o deslocamento da morte* dentro da obra, mas que se reflete em seu próprio processo de escritura.

Euclides da Cunha, homem metropolitano, ao ser enviado a Canudos como representante do jornal *O Estado de São Paulo*, e realizando um *favor* político do presidente da República, Prudente de Moraes, ao então proprietário Júlio de Mesquita, embarca para o campo de batalha devidamente autorizado a ser a voz oficial do espetáculo que ocorria no longínquo sertão da Bahia. A ele cabia relatar com exatidão e veracidade tudo o que presenciasse no “teatro das operações”, oficializando a “verdade” divulgada pelo poder vigente. Portanto, o jornalista Euclides planeja um projeto de escrita baseado numa verdade

pré-construída, a qual já expusera, antes de sua viagem efetiva, no seu artigo “A nossa Vendéia”.

Assim, ao partir para Canudos, estava certo de que encontraria a realidade imaginada. Com certeza, não desconfiava de que a sua chegada ao sertão baiano seria um marco em sua vida. Esse encontro com o interior do país pode, inclusive, ser visto como “um ritual de passagem” (BERNUCCI. 1995), pois Euclides da Cunha jamais conseguiu chegar ao lugar desejado.

Ao penetrar na árida terra sertaneja, ele não reconhece a rota traçada, percebe-se numa terra ignota, num terreno sáfaro, no qual nada lhe era familiar. Esse encontro com o desconhecido vai gerar mudanças no jornalista, pois ele terá dificuldades em relatar a “verdade” esperada sobre o que presencia. É assim que o sujeito que participa dessa viagem de reconhecimento vai entrar em conflito consigo mesmo, ao iniciar a construção da sua verdade. O espaço físico, no qual se encontra, apresentar-se-á de modo agressivo, mas ao contrário de um sentimento de repúdio, nascerá uma necessidade de compreensão dessa agressividade. A gritante diferença daquele lugar com o afrancesado Rio de Janeiro leva à morte o jornalista, o que se deixa visível em algumas das reportagens enviadas ao jornal. Sua tese da equivalência de Canudos com a Vendéia desmorona-se. Não consegue ser um mero relator das paisagens e cenas que o cercam. A figura humana o atormenta; o homem do sertão se apresenta como a própria impossibilidade de vida, mas o surpreende pela garra e determinação. Esse homem, que não se enquadra às noções de ideal de raça, leva o jornalista a sucumbir, dando lugar ao homem da ciência, o engenheiro Euclides da Cunha. Essa é a primeira constatação da relação morte/vida que ronda a obra.

O engenheiro recorrerá à ciência para respaldar sua missão de concretizar a escrita. Seguindo os conceitos positivistas da época, Euclides se proporá a consorciar arte e ciência para construir, com exatidão, o relato da guerra. Mais uma vez descobrirá a impossibilidade de seu intuito. Não há como reproduzir mecanicamente os fatos que vivencia; não consegue ficar imune às cenas da guerra. O homem Euclides percebe que só a precisão dos cálculos e a certeza da ciência não dão conta da emoção que sente e presencia. Diante dessa constatação, o viajante científico se transforma num viajante emocionado, que se surpreende a cada instante com suas descobertas. Não há como passar por essa paisagem de maneira inócua; o sertão penetra na alma daquele que busca desvendá-lo. A imagem do homem do sertão atinge o observador de maneira crucial, que não consegue vê-la como na do “grande inimigo da modernização”. Chega a afirmar que a distância da civilização do litoral propiciou a manutenção de um povo mais verdadeiramente brasileiro do que os afrancesados senhores da

metrópole. Mesmo quando apresenta uma possibilidade de uma raça forte, que poderia ser o brasileiro verdadeiro, não consegue fugir à emoção e subjetividade que vêm à tona. Vamos percebendo que, aos poucos, o homem da ciência vai dando lugar ao literato e ao poeta.

Dessa maneira, o literato vai preenchendo o lugar do engenheiro, do geógrafo, do antropólogo, narrando de maneira poética as duras cenas pelas quais vai passando. Não há mais como verificar se as cenas narradas são de fato ocorridas no conflito canudense. Não estamos mais no campo da realidade, pois ao dar lugar ao literato, o território vivenciado será o espaço da poesia, o espaço literário. Nesse lugar privilegiado não encontraremos um único sujeito autor em busca de descobertas, mas uma seqüência de narradores o que se desdobram de acordo com os fatos da narrativa. Descobrimos nessa diversidade de narradores o sentimento de compaixão constantemente se faz presente. Esse sentimento será facilmente percebido nas vozes narrativas que se mostram sempre parciais, ora amigo da natureza, do sertanejo, do Conselheiro, ora amigo dos soldados, dos comandantes, da República. Esses narradores participam ativamente das ações narradas, aconselham, palpitam sobre as estratégias, apontam erros, indicam soluções.

No decorrer do livro a presença da morte torna-se mais viva. Desde suas primeiras linhas, quando o narrador expõe suas impressões sobre a terra, a morte é pressentida. Essa presença atormenta narrador e leitor. Não há maneira de fugir dela, por isso há a opção por encará-la, ou melhor, há a sua eleição como personagem principal, que rondará todo o processo de escrita, num deslocamento constante, que assusta e seduz. Talvez o que mais atordoe o narrador seja a relação que o sertão e o sertanejo têm com a morte. Este a teme, mas a respeita ao mesmo tempo. Deixa a cargo do divino, culpa-se por ela, mas tenta desviá-la através de penitências e auto-flagelo.

Diante dessa presença concreta da morte, nossa leitura não pode seguir uma única trilha, nem tampouco podemos percorrer sozinhos esses possíveis caminhos. Isso, porque a obra nos impõe, primeiramente, penetrá-la, transformando-nos em viajantes aventureiros, percebendo-a de modo tátil, absorvendo suas cores, odores e sons. Mas, num movimento de repulsa, ela nos obriga a um afastamento doído, já que não mais reconhecemos o limite entre obra e leitor. Só que será na dor desse desprendimento que descobriremos a multiplicidade de conflitos dentro da obra. A distância nos permite decifrar melhor as senhas ocultas no interior da narrativa, além de conseguirmos reconhecer as várias vozes externas que a preenchem no emaranhado de inesperados, nas entranhas dos sertões.

Em virtude dessas descobertas, não conseguimos nos manter numa proposta de leitura única. Durante esse percurso surgiu a necessidade de recorrermos a vários pensadores, para

que estes nos auxiliassem em nossa jornada. Por isso, nossa leitura é transdisciplinar, pois convidamos companheiros de diversas áreas do saber para esse passeio pelos sertões da narrativa, da literatura, das descobertas; passeio de leitura que, como ocorreu com Euclides da Cunha, se tornou viagem de descoberta do nosso mundo mais secreto.

## 2. *A viagem projetada: idealização de uma caminho.*

O engenheiro Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909) certamente não imaginou que sua vida poderia ser transformada de modo tão rápido, como aconteceu após sua estada no interior da Bahia, no ano de 1897. O que acarretou essa brusca mudança não foi somente a sua viagem ao sertão baiano, mas a repercussão que seu livro *Os sertões* alcançou em 1902. Livro singular para a época, não só pela temática, mas pela surpreendente recepção que alcançou, teve sua primeira edição, de mil exemplares, esgotada em apenas dois meses. Considerando-se que para a época a venda de uma tiragem desse porte era surpreendente, principalmente se levarmos em conta que Euclides *não era um participante das rodas de intelectuais e, ainda, porque ele não compunha o grupo de literatos do final do século XIX* (GALVÃO. 2000), *Os sertões* superou as expectativas.

A acolhida crítica e o prestígio que o livro alcançou, diagnosticados através das avaliações críticas, que se multiplicaram nos jornais de 1902, projetou Euclides da Cunha no meio intelectual da época, abrindo-lhe as portas da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O melhor de tudo é que *Os sertões* nunca mais deixou de ser lido nas dezenas de edições que se sucederam até os dias de hoje. Dessa forma, Euclides da Cunha vivenciou o sucesso de ter a sua obra lida e comentada por leitores e críticos que se destacavam na virada do século XIX para o XX. E pensar que a editora Laemmert relutou em editar a obra por acreditar ser um livro que não interessaria ao público leitor, prevendo, inclusive, a possibilidade de um “encalhe” editorial! Por sorte, a editora se propôs a lançar o livro que foi assunto nos melhores jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, recebendo elogios e ressalvas da crítica de então.

A recepção crítica de *Os sertões* contribuiu para o sucesso da obra, tanto que tão logo saiu a primeira edição do livro, José Veríssimo escreveu um artigo, nas páginas do *Correio Mercantil*, saudando o seu aparecimento. O teor do artigo pode ser dimensionado ao observarmos as palavras que o introduzem:

O livro, por tantos títulos notável, do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza como ao contato do homem, e estremece todo, tocado até ao fundo da alma, comovido até as lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as “secas” que assolam os sertões do norte brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a Campanha de Canudos. (VERÍSSIMO. 03/12/1902)

Percebe-se que Veríssimo prenuncia o sucesso do livro, que se tornaria uma das obras mais polêmicas, tanto por sua característica híbrida, como também, por apresentar uma visão da realidade do Brasil do final do século XIX. Ao indicar as variadas características do autor e da obra, o crítico já traz à tona o que se tornaria o ponto mais discutido do livro: a sua permanência num entrelugar de saberes e de formas. O caráter híbrido da obra alicerça-se no espaço limítrofe de várias áreas do saber, gerando análises de especialistas, cada qual aproximando a obra de Euclides da Cunha à sua área de estudos, dando uma visão unívoca a esse texto plural. É assim *que sociólogos, antropólogos e historiadores vêem no texto um valor estritamente documental; já os críticos literários tentam entender os sentidos textuais da obra* (LEMOS. 2000: 23). Esse transitar pelos limites da história, da geografia, da antropologia, da sociologia, para expor a realidade brasileira, é o problema mais discutido nas análises sobre *Os sertões*, seja por questão de “identidade”, seja do gênero dessa obra.

Esses campos do saber penetrados pelo autor se misturam com suavidade e sensibilidade numa bem tecida rede literária, podendo-se, inclusive, afirmar que há um transbordar poético, mesmo nas passagens mais densas e rudes do texto euclidiano. Apropriando-nos das palavras do próprio Veríssimo, podemos, já de início, indicar que a obra tanto pode ser vista como um livro de um homem da ciência, como a de um poeta que deixou sua emoção vir à tona para poder ver e escrever sobre sua aventura. Esse traço emotivo da escrita de Euclides da Cunha já foi levantado por Afrânio Peixoto, ao analisar a obra do escritor. Peixoto afirma que *Os sertões não é livro de história, estratégia ou geografia, é apenas o livro que conta o efeito d’Os sertões sobre a alma de Euclides da Cunha* (PEIXOTO. 1944). A obra apresenta uma estrutura paradoxal, pois a escrita de Euclides da Cunha mostra facetas de vários tipos textuais, indo do relato testemunhal à crônica de viagem, à narrativa jornalística, ao ensaio sociológico, além de se mostrar com um ritmo sonoro característico de textos em versos. Esse traço poético da escrita euclidiana foi levantado, recentemente, por Augusto de Campos, no texto “Transertões”. Nesse trabalho, que Campos

nomeia de “parceria póstuma”, há a identificação e recriação em versos de trechos de *Os sertões*, sobre o qual Augusto de Campos diz que:

... as palavras “poesia”, “poema”, empregadas em sentido amplo, emergem instintivamente à leitura do livro, sinalizando o viés estilístico que nos impede de enquadrá-la *tout court* como prosa.(CAMPOS. 1997)

A prosa poética euclidiana possibilita a seus leitores uma viagem de aventura, permitida pela temática e pelas características textuais adotadas pelo autor. Por isso, não se pode jamais esperar um movimento linear na escrita, no estilo, ou mesmo nas descrições dessa obra, pois o percurso de sua escrita é resultante de uma vivência conflituosa, na qual o escritor não consegue manter a exatidão dos cálculos do engenheiro e, tampouco, a imparcialidade do jornalista. Na verdade, emoção e sensibilidade transbordam das páginas de *Os sertões* e, mesmo nos trechos que apresentam cenas mais duras, seu autor não consegue evitar seu envolvimento com o que narra e descreve. Dessa maneira, podemos compreender o que Gilberto Freire aponta ser um grande erro, encarar *Os sertões* como uma obra de geografia física e humana. Vejamos:

Seria um erro ver na paisagem do grande livro de Euclides um simples capítulo de geografia física e humana do Brasil que outro poderia ter escrito com maior precisão nas minúcias técnicas e maior clareza pedagógica de exposição. A paisagem que transborda d’*Os sertões* é outra: é aquela que a personalidade angustiada de Euclides da Cunha precisou de exagerar para completar-se e exprimir-se nela; para afirmar-se – junto com ela – num todo dramaticamente brasileiro em que os mandacarús e os chique-chiques entram para fazer companhia ao escritor solitário, parente deles no apego quixotesco à terra e na coragem de resistir e de clamar por ela. (FREIRE. 1944: 23)

Isso se dá porque não há como separarmos Euclides de sua obra, pois existe um envolvimento tão profundo do escritor com sua escrita que não podemos, por vezes, distinguir se quem está presente é a paisagem, o sertanejo ou o próprio escritor. Apesar de percebermos um conflito constante, uma tentativa de resistência a esse envolvimento, o autor não consegue se afastar do que narra, persistindo, assim, em sua trilha de resistência. Parece-nos que o ato de resistir é que permite a construção de uma obra tão magnífica, podendo inclusive ser considerada como um testemunho poético. Recorremos mais uma vez a Gilberto Freire para constatarmos com ele:

Resistir quando todos desistem. Resistir sempre. Clamar no deserto. De modo que é Euclides mais do que a paisagem, que transborda dos limites de livro científico d'Os Sertões, tornando-o também de poesia... (*Idem*: 24)

Esse resistir indicado por Gilberto Freire tem seu enraizamento no próprio ato de escritura dessa obra, pois não podemos esquecer da situação em que nasceu a escrita de *Os sertões*, nem tampouco deixar de lado a vivência conflitante que foi a descoberta do verdadeiro Brasil sertanejo por Euclides da Cunha. Essa resistência surge das dúvidas que suscitam pela descoberta de um mundo diferente do mundo europeizado do litoral. Além do mais, essa experiência de viagem coloca Euclides a perceber a “face oculta da República”, o verdadeiro rosto dos homens da República. Assim, na escrita de *Os sertões*, há a presença de um narrador que, perante as dúvidas nascidas de seu encontro com uma realidade estranha à que supunha conhecer, não se reconhece como parte do teatro do qual participa. Por isso, o conflito da escrita da obra se torna a grande busca de uma verdade necessária para a reestruturação do homem Euclides.

Portanto, para darmos início à nossa viagem por *Os sertões*, precisamos estar conscientes de que esse fascinante livro, que a tantos impressiona, por seu estilo elevado, sua precisão vocabular, sua temática e, principalmente, por sua técnica de escritura, tem um elo íntimo com a própria biografia do escritor. Precisamos conhecer seu caminhar de menino simples, que iniciou sua trajetória de vida numa fazenda<sup>4</sup>; de jovem com duas paixões: a poesia e as ciências positivas; de militar republicano; de engenheiro encantado pelos aspectos geográficos brasileiros; de jornalista, correspondente de guerra e, sobretudo, de brasileiro *de amor extremado por sua pátria*. E, mais ainda, termos sempre a noção de que a escritura dessa obra é um relato pessoal, é o testemunho de um homem à frente de sua verdade e de um escritor, na luta constante que o ato de escrever impõe. Enfim, compreendermos que esse livro resulta do efeito de batalha interior face à descoberta e à luta com a presença constante da morte. Dessa maneira, poder-se-á construir uma nova visão sobre esse texto híbrido, que é *Os sertões*, com o qual nos brindou Euclides da Cunha.

### *3. Arrumando a bagagem: a expectativa de um encontro.*

A viagem do escritor Euclides da Cunha inicia-se quando, em 14 de março de 1897, o jornal *O Estado de São Paulo* publica o artigo intitulado “A nossa Vendéia”, lavrando o

alarme nacional causado pela derrota e debandada da terceira expedição contra Canudos (GALVÃO. 2000). Não seria o único artigo, mas o primeiro, pois em 17 de julho novamente o jornal exibia outro artigo também intitulado de “A nossa Vendéia”. Os artigos mantêm uma relação entre si, o que nos leva a observá-los não como dois textos, mas como um único artigo em duas partes. Nesse artigo se estabelece uma comparação, que seria muito utilizada por todos, ao equiparar o levante baiano com aquele de caráter religioso e contra-revolucionário coligando camponeses e nobres em reação à Revolução Francesa<sup>5</sup>, em 1793.

Ressalte-se que as notícias daquela época não pretendiam simplesmente passar informações mas, antes, veicular uma unanimidade, uma opinião previamente formada. Ninguém duvidava, exceto alguns monarquistas insistentes, que *os insurretos imprimiam uma nódoa, de atraso no brilhante panorama que a República descortinava* (GALVÃO: 2000), ao inaugurar o processo de modernização que sepultara, ao mesmo tempo, a escravidão e a monarquia. Essa postura aparece, de modo claro, no artigo intitulado “A nossa Vendéia”, bem como na correspondência de guerra de Euclides da Cunha.

O teor dos textos não davam margem a questionamentos por parte do público leitor, mas sim inculcia uma idéia concluída. Além disso, Euclides, em nenhum momento, reflete sobre os acontecimentos; ao contrário, apresenta um grande radicalismo defendendo a República, por certo, sem tentar desvendar o que realmente acontecia. Para ele, Canudos representava uma ameaça ao novo regime e por isso devia ser abafada à qualquer custo. Além de servir como exercício de aplicação para suas leituras sobre raça, guerra e civilização, seguindo as noções teóricas em voga na época, seus textos jornalísticos deixam evidente sua postura de defensor do moderno e novo regime liberal, expondo largo conhecimento e erudição ao tratar do assunto Canudos. Isso contribuiu para que seus textos alcançassem grande repercussão, levando o jornalista a ser considerado um “homem de grande visão” política, além de ser um verdadeiro “filho da pátria”.

Esse artigo deve ser visitado e analisado com atenção para se reconstruir e compreender a situação de Euclides perante os cenários da guerra em Canudos, que vivenciou – distante, em São Paulo; próximo, no sertão. Assim, faremos a leitura dos mesmos para tentar entender as drásticas mudanças sofridas pelo homem, pelo jornalista, por Euclides da Cunha.

#### 4. A verdadeira viagem: desconstruindo mundos.

A leitura do artigo “A nossa Vendéia” permite-nos afirmar que Euclides escreveu a respeito de algo ainda desconhecido para ele. Sua habilidade de articulista e sua capacidade de leitor possibilitaram a apresentação de uma realidade que ele apreendeu intuitivamente, podendo-se, inclusive, dizer que já nesse artigo ele se utiliza de mecanismos ficcionais, vivenciando a experiência estética, através da viagem que faz, guiado pela autorização atribuída exclusivamente pelos discursos, tornando-o, com igualdade de condições, autoridade no assunto.

Em virtude da repercussão das observações de Euclides da Cunha e em razão do grande patriotismo que ele apresentava, *não foi de surpreender quando o jornal paulista o incumbiu de ser o seu correspondente de guerra, especialmente enviado para o palco dos acontecimentos* (GALVÃO. 2000: 11-12), que ele próprio tão bem descrevera, em grande parte por intuição. Assim, em 1.º de outubro de 1897, Euclides da Cunha segue para a Bahia, na condição de adido, na comitiva do ministro de Guerra. Vale conferir o comentário que Galvão faz na abertura do livro *Diário de uma expedição*, no qual reúne as correspondências enviadas por Euclides do cenário da guerra de Canudos:

As reportagens que de lá enviou, pouco conhecidas, têm entretanto o condão de mostrar o escritor no coração da contenda, aspirando o odor da pólvora e ensurdecido pelo troar da metralha. Sem mediação, sem tempo para hesitações ou reflexão. Euclides presenteia o leitor com a natureza despida de artificios, “palpitante” do fato que é notícia.(GALVÃO. 2000)<sup>6</sup>

Mais uma vez, isso demonstra que a natureza do sertão baiano já era íntima para Euclides, já fazia parte de suas vivências discursivas. Estas vivências teriam propiciado o breve encontro de Euclides da Cunha com o sertão, não sendo este somente o *encontro de um viajante do Brasil urbano com as realidades do interior, segundo os moldes dos relatos de viagens científicas* (ZILLY. 1993). Esse seria o encontro de um intelectual engajado com um “objeto”, sobre o qual poderia aplicar suas leituras e suas idéias, pensar as “realidades” de seu contexto e (re)inventar tanto um novo objeto – o mestiço brasileiro – como a si mesmo como autor. Mas, vale ressaltar, que nos escritos jornalísticos enviados para o sul, ele tomou o cuidado de não explicitar sua visão do conflito, limitando-se a relatar os acontecimentos e a fazer apelos humanitários em favor daqueles “rudes patrícios sertanejos”. Isso se deu, talvez, por perceber que não adiantaria, naquele momento, ir contra a opinião geral, *quando os ânimos ainda estavam exaltados. Sua voz seria abafada pelo eco da festa cívica que tomava o*

*país na ocasião da vitória do exército republicano* (SEVCENKO. 1985). Só que Euclides, como já afirmamos anteriormente, foi um dos responsáveis por incutir no público leitor a necessidade de extinguir o “movimento monárquico canudense”.

Mas o que de mais relevante ocorre com a proximidade do sertão é a quebra de suas certezas. Euclides já não crê mais na hipótese de um levante monárquico, nem há mais como considerar o sertanejo um *chouan*. A realidade de Canudos estava bem distante da que ocorreu na Vendéia. As cenas que presenciou acarretaram as incertezas quanto à conduta dos homens da República. Presencia-se, então, a ruptura das crenças de Euclides, do seu ideal de mundo, das verdades que trazia em si. Eis a aparição da morte, que vai acompanhar o autor em vários movimentos, mesmo quando ele tenta afastá-la, elegendo-a como tema central de algumas passagens de seu livro. Essa convivência com a morte vai deixar profundas cicatrizes no homem, no político, no militar e no escritor. Euclides jamais será o mesmo após essa viagem de encontros: com o desconhecido, com o evitado, consigo mesmo.

A incursão por terras tão distantes da sua realidade, por ele nunca visitadas fisicamente, vai influenciar “o gênio nacional do espanto captado” e aquele que foi o responsável pela importância histórica e interpretativa do episódio nos quadros da formação brasileira. Tanto que sua visão de proximidade de Canudos com a Vendéia será alterada, influenciando os novos rumos que o seu projeto de escrita tomará em *Os sertões*. Retornando da viagem ao sertão, com o “embrião” do “livro vingador” na bagagem, Euclides inicia a verdadeira viagem de sua vida de intelectual e de literato.

Para compreendermos essa “outra” viagem, evocamos Paul Valéry (1957), expandindo a idéia de viagem, ao afirmar que somente após havermos terminado uma viagem é que começamos verdadeiramente a fazê-la. Intuímos que esse processo ocorreu com Euclides da Cunha que, após retornar, aguardou o amansar de suas experiências e conseguiu reunir tudo, que para ele foi emoção e pesquisa, dificuldade e sofreguidão, transformando em observação e registro, empreendendo a viagem definitiva a Canudos e construindo a sua obra, o verdadeiro livro de viagens entre o mudo vivido e o pressentido. Para entendermos a obra desse “viajante” é preciso valorizar a entrada do autor pela “porta” dos sertões.

A voz de Valéry justifica essa entrada pela porta dos sertões como aventura cognitiva, da qual resulta a obra maior de Euclides da Cunha. Viajar é uma aventura cognitiva, só possível após o recolhimento necessário de repertório de eventos, com o qual o escritor debruçar-se-á na aventura narrativa desses eventos. Além de garantir a representação de uma realidade, essa aventura cognitiva da viagem *a posteriori* exime do autor a responsabilidade da fidelidade com os fatos históricos, autorizando-o a uma nova aventura – a da

ficcionalidade. Assim, o autor pode utilizar-se dos recursos da citação, mas não se obriga a fazê-lo, como Euclides demonstra no artigo publicado antes da viagem ao sertão.

A chegada de Euclides da Cunha ao sertão baiano, naquele começo de setembro de 1897, deve ser encarada como um *rito de passagem* (BERNUCCI: 1995), como a descoberta de um admirável mundo novo. Trata-se de um novo descobrimento por um viajante audaz, que no fim se descobre a si mesmo. Essa descoberta é a senha de ingresso à aventura cognitiva, autorizando-o à viagem de escrituração da obra. A imagem ritualística nos faz ver naquela poética mistura do *celta*, *tapuia* e *grego*, brindada pelo próprio Euclides a sua ascendência, à eclosão do seu lado nativo, reclamando uma intimidade telúrica longamente negligenciada pela convivência teórica com os livros e pela ótica europeizante e avassaladora que suprimia os impulsos da terra. Ele se transforma, *ajagunçando-se* interiormente, como, ele mesmo, havia percebido em alguns militares que se tornavam iguais aos sertanejos na aparência. E pelo que nos diz Leopoldo Bernucci:

É bem verdade que as partes interna e externa do seu ser nunca se coadunaram perfeitamente e, inclusive, davam-se as costas muitas vezes, ora oferecendo-nos a versão iconográfica do autor a impressão de elegância, recato e controle; ora mostrando-nos a escritura de sua obra as circunvoluções mentais de um “*enfant terrible*” prestes a cometer uma travessura qualquer com o pensamento. (1995: 52)

A debilidade apontada por Bernucci, pelo que constatamos, vai ser uma marca de sua personalidade. Ele apresentará sempre duas posturas opostas sobre o mundo que vê e no qual vive, sendo essa característica pontuada pelas páginas de *Os sertões*. Quem de nós não fica a construir a imagem do Hércules-Quasímodo? O que para nós se mostra interessante é descobrir o intelectual Euclides preocupado com a aparência física, tanto a sua quanto a dos outros. Façamos, a título de ilustrar nossas conclusões seguintes, a leitura de duas notícias, por bem dizer, divertidas, e de um trecho de sua correspondência a Manuel de Oliveira Lima em 1907. Quanto às notícias, a primeira é a correspondência enviada por Euclides para o jornal no dia 6 de setembro, e publicada no dia 22:

Apeei-me imediatamente e achei-me entre amigos companheiros, de há muito ausentes.

Que diferença extraordinária em todos!

Domingos Leite, um belo tipo de *flâneur*, folgazão nos bons tempos da Escola, um devoto elegante da rua do Ouvidor – abraçou-me e não o conheci. Vi um homem estranho, de barba inculta e crescida, rosto pálido e tostado,

voz áspera, vestindo bombachas enormes, coberto de largo chapéu desabado. (...)

Gustavo Guabiru, outro engenheiro militar, foi uma vez encontrado por um contingente da força policial da Bahia em tal estado que foi preso como *jagunço*. (...)

O representante da *Notícia*, Alfredo Silva, assombrou-me: está num descambar irresistível para o tipo geral predominante – barba crescida, chapéu de palha, paletó de brim de cor inclassificável, bombachas monstruosas. (DE. 17)

A segunda é do representante de *A Notícia*, Alfredo Silva, escrita em 8 e publicada em 18, daquele mês, dois dias após a notícia de Euclides:

Nesse delicioso passeio fui acompanhado pelo distinto correspondente de *O Estado de São Paulo*, dr. Euclides da Cunha e pelos Srs. Major Lauriano Trinas, Capitão Eduardo Rangel, Anibal de Oliveira e cabo Batista, que no 7º batalhão acompanhou a bandeira. Dos nossos vestuários, incontestavelmente destacava-se o do distinto colega que, chegado ainda anteontem, se apresentou de vistosas botas de verniz, calça branca, camisa de fina seda e chapéu de fina palha. Bons tempos o esperam neste canto da Bahia, em que banho constitui o x do mais complicado dos problemas. (SILVA. 1897)<sup>7</sup>

Note-se que Euclides, homem moderno do litoral, já destoa por si da paisagem agreste; com o requinte das vestimentas vai tornar-se um ser deslocado. Seu lugar não é ali. Mas tenta se integrar dizendo-se *ajagunçado*. Essa maneira, de certa forma, exibicionista de se trajar, nos leva a descobrir uma outra característica desse escritor. Euclides já se sentia um ser deslocado no litoral e, como ele mesmo afirma em sua correspondência para Oliveira Lima, não se sentia inserido no cenário europeu do litoral:

Não há quem se espante ao ver-me pela primeira vez – tão esmirrado e deselegante (...) porque a feição dos homens e das cousas nesta maloca de palácios pretensiosos [Rio de Janeiro] é apavorante. (CUNHA. 20/03/1907)<sup>8</sup>

Podemos perceber que, para Euclides, sua própria aparência destoava do contexto europeizado do final do século XIX. Mas, por mais que tentasse escapar dos padrões estéticos da época, não se tornando um *dandy* afrancesado, no estilo *belle époque*, sua preocupação com a aparência mostra que tais padrões o influenciavam. Essa dubildade estará sempre presente na obra, no autor, no narrador, assim como na vida de Euclides da Cunha. Até que ponto a percepção que o “outro” tinha dele o feria? É difícil responder a esta pergunta quando se sabe que Euclides alimentava um certo desprezo pelas banalidades exteriores dessa

sociedade afrancesada de fim de século, que era o Rio de Janeiro. Por outro lado, lhe atormentava a consciência da dependência a esses valores e às suas instituições, para galgar os degraus políticos que o levariam à glória. Por isso, vamos presenciar um homem em constante conflito, mas sempre um ser destoante. Será sempre um “corpo deslocado”, seja no litoral como homem “da roça” e seu corpo franzino, seja no sertão, como um *dandy* e suas vestimentas afrancesadas.

O ingresso nas terras agrestes do sertão baiano vai expô-lo ao estranhamento do outro, ao mesmo tempo que o conduz ao encontro de si mesmo, e o faz assumir a situação conflitante de sua alma fim secular. Esse conflito se dá entre o homem cosmopolita, cidadão do mundo, conhecedor das modernidades científicas européias, e o homem nacionalista e interiorano, que não quer sair de seu país. Essa visita atinge o homem Euclides, que, apesar de viver seu momento de glória nas terras baianas, não consegue deixar de ser um corpo deslocado. Sim, Euclides se apresenta como um corpo deslocado, seja deslocado no cenário da *belle époque* carioca, seja um corpo deslocado nos sertões. Tais deslocamentos só nos são perceptíveis por serem resultantes do contato desse homem, de espírito vigilante e exigente, com esse maravilhoso mundo novo, que foi o sertão para Euclides da Cunha. Disso resulta o duplo estranhamento – o causado aos outros em função de sua aparência limpa, das roupas impecavelmente arrumadas, e o causado a si mesmo, ao se perceber razão de choque e destino de todos os olhares, enfim, centro de atenções. Teria ele experimentado a sensação de ser astro principal numa peça, da qual não fazia parte do elenco? O corpo deslocado seria, então, possuidor de um lugar ainda não ocupado, talhado somente para ele em um sertão habitado por soldados e jagunços?

Quando o *chique era mesmo ignorar o Brasil e delirar por Paris, numa atitude afetada, mas nem sempre inteligente Euclides se recusa ir ao delírio [Paris]* (BROCA. 1975), suas expectativas, embora não mais fáceis, são no solo brasileiro, como ele mesmo afirmou ao amigo dr. Luís Cruls: *Alimento há dias o sonho de um passeio, ao Acre (...). Além disto, não desejo a Europa, o bulevar* (CE. 20/02/1903). Sua viagem foi outra: saiu do centro metropolitano do país e chegou ao lugar discursivo que tão bem conhecia. Mas, esse lugar é desconhecido. Sua paisagem, embora seja aquela do discurso, abriga a diferença entre a aventura cognitiva e a exposição aos seres e às coisas descritas na cognição. Não se identificou com nada encontrado, tentou *ajagunçar-se*, mas não reconhecia o “outro” que encontrou. Essa experiência vai influenciá-lo em sua vida e, principalmente, nas escolhas que fará ao construir seu livro, sendo espectador privilegiado dos eventos daqueles seres

diferentes em tudo, num aproveitamento completo do fato de ser estranho, para ser o responsável pela importância histórica e interpretativa desse episódio.

A impossibilidade de “ser o outro”, de se colocar no lugar do outro gera também sofrimento nesse ser deslocado, sentimento que percebemos em toda a leitura de *Os sertões*. Esse sofrimento é ainda reflexo de sua chegada ao sertão. Euclides sai do coração do país a caminho do interior sertanejo, só que se depara com um outro país, um *hiato*, um “não-lugar”, contrário ao litoral europeizado. Assim, ao construir o livro ele vai tentar transformar o “não-lugar”, que conheceu, num “entrelugar”, que é o lugar da tolerância multicultural. Numa espécie de *exercício docente*, *Euclides da Cunha vai nos ensinar sobre o “outro”, vai nos apresentar um Brasil híbrido. Para tanto, se transforma em viajante científico, pautando cada etapa dessa viagem ao novo, encaminhando o leitor a ser, também, um viajante do sertão* (ZILLY. 2000)<sup>9</sup>. Há um diferencial, no entanto. Euclides encerra em si a tarefa de todos os viajantes em cuja fonte bebera, para conhecer o sertão descrito desde o artigo “A nossa Vendéia”, que antecedeu a viagem. O lugar determinado e simples do discurso se descortina, tornando-se complexo, múltiplo e disforme. O lugar é o não-lugar. Nesse não-lugar em que se encontra, Euclides percebe a hibridez cultural e social do Brasil e, como nacionalista que era, imagina a possibilidade de uma nova nação brasileira, na qual a mescla cultural servisse de base para essa construção.

Portanto, sua breve passagem pelo sertão vai deixar profundas marcas no escritor, levando-o a rever alguns pontos de vista anteriormente defendidos por ele ou a descobrir o elo que faltava na sua recusa pela Europa – o brasileiro legítimo estava ali diante dele. Essa experiência causa uma ruptura interna. Euclides deixa de ser apenas jornalista para assumir a aventura de sua viagem ficcional. Para tanto, não vai só explicar o sertão pelo próprio sertão (ZILLY. 2000), mas apresentá-lo multiplicado em sertões de metáforas vivas e sugestivas da heterogeneidade de suas vozes e imagens.

Perante essa mudança de postura, que provavelmente levou o homem Euclides a vivenciar um grande conflito pessoal, podemos indicar que o sofrimento que salta das páginas de *Os sertões* é o sofrimento do autor/narrador/viajante – que sofre com a natureza, com o sertanejo, com o soldado que defende a República –, e numa demonstração de paixão pelo país, apresenta a proposta de reavaliação das posturas das elites brasileiras, num momento de transição, onde ser moderno era ter costumes e aparência européia. *O livro vem solicitar que, juntamente com as posturas modernas, o Brasil do litoral olhe para o Brasil do interior. Clama pelo sentimento de compaixão para com os irmãos sertanejos* (ZILLY. 2000). Talvez essa compaixão não seja da forma com que diz Zilly, mas pelo seu oposto. Que o litoral olhe

para seus irmãos sertanejos para descobrir aquilo que ele (Euclides) descobriu – o sertanejo resistente, bravo, capaz de lutar com igualdade mesmo na inferioridade, capaz e genuinamente brasileiro, pois apaixonado pelo torrão de terra, mesmo sem a noção do tamanho da nação, mas certo de que ela se fez na soma dessas paixões.

##### *5. Viagem em término: o início da verdadeira busca.*

Para nós, a narrativa de *Os sertões* metaforiza a descoberta de uma verdade que não se descortina para além dos limites do sertão, que leva o sujeito da enunciação, já constituído como sujeito dessa narração antes mesmo de se lançar à escrituração da obra, pois jornalista e portador de uma verdade fechada à distância, a se perder de si mesmo perante as suas descobertas.

Essa perda faz com que ele se multiplique assumindo várias vozes no caminho da construção de sua verdade e da sua própria constituição como sujeito. Isso se dará perante as diversas constatações das descobertas, que colocam esse sujeito a se perceber como elemento integrante da paisagem, da gente e das cenas que descreve. Cada novo conhecer apresenta uma deslumbrante descoberta de morte e vida, pois para esse sujeito assumir sua verdade, ele precisará realizar uma transvaloração daquilo em que acredita e que defende, deparando-se com a falsidade da solidez e definição de seu mundo. Eis o conflito que acompanhamos página a página nessa obra, e que não se finda apenas com o fechar do livro. O envolvimento que ela exige de seus leitores nos impede de dá-la como concluída. As fissuras que essa aventura nos provoca não são fáceis de cicatrizar, pois mais que decifrar linhas, vivenciamos a nossa experiência limite, para também construirmos nossa verdade. Descobrimos a nós mesmos no retorno desse ponto de risco.

A verdade assumida pelo sujeito da enunciação vai sendo construída gradativamente durante a escritura da obra. A morte, ponto principal dessa escrita, na verdade, é um nascimento. Talvez por isso nos encontramos com um narrador que tem urgência em declarar a vida por trás da morte e que, decerto, é uma estratégia para não enfrentar o estranhamento causado pelo desconhecido. Este será o ponto de encantamento da obra: a descoberta de um sujeito disposto a narrar uma verdade fechada e que se perde. Com isso, vai transcender a razão, para viver a sua *experiência limite*; salvando-se da violência observada, penetra numa nova realidade que interroga as verdades únicas.

O momento de transformação, que impõe uma revisão dos fatos a esse sujeito, o levará a viver na *oscilação entre o idealismo otimista, o pessimismo e a melancolia* (CARVALHO. 1999: 437), e talvez isso explique o sujeito da enunciação que se mostra sempre em fuga n' *Os sertões*. Este sujeito se mostra numa metamorfose contínua, se transformando e assumindo diversas identidades.

Essas transfigurações fazem da leitura dessa obra um passeio cinematográfico, como se observássemos pela objetiva de uma filmadora, em *zoom*, as diversas cenas de um ator que dá vida a diversos personagens. Cada identidade assumida por esse sujeito da enunciação será um desses personagens, do guia de viagens, do estrategista de guerra ao amigo do sertanejo. A constância da visão do aqui e ali, já mencionada neste trabalho, nos dá a impressão de uma filmagem em sobrevôo pelo sertão, deixando-nos a idéia da necessidade de fuga. De repente, uma fuga de si mesmo. Nesse movimento de fuga apreciamos a marcante companhia da morte, que não se deixa vencer por essa fuga. Não haverá como fugir a ela durante esse percurso textual.

Por isso, ao tentarmos desvendar o processo pelo qual passa o escritor durante a elaboração da obra, deparamo-nos com o desmembramento de um sujeito que se propõe a pintar um retrato real de suas vivências físicas, que se deixa ainda se mostrar nas marcas das vivências cognitivas e emocionais. Logo, quando faz a aproximação da Ciência e da Literatura, depara-se com a linguagem como instrumento de arte, arte literária. Essa entrega ao espaço literário, segundo Carvalho (1999: 439), *salvou o gênio artístico de tantas débâcles, como um vulcão das entranhas da terra, fez jorrar a obra imortal*.

Esse deslocamento para a escrita literária serve para ampliar os conflitos constantes nesse homem que se propôs ser fiel aos paradigmas cientificistas de sua época. Diferentemente do que afirmam Leopoldo Bernucci e Costa Lima, Euclides tenta dar conta de uma crítica aos enunciados das Ciências Humanas do final do século XIX e início do XX, porém de modo tortuoso, por vezes incompreensível. Não se poderia esperar outro comportamento, pois ele acreditava na República e na Ciência como prerrogativas para a modernidade. Ao ver desmoronar suas convicções, vai ficar numa situação limite entre seu saber científico e político, e a verdade que se punha à sua frente. E isso faz com que ele se perca, não reconhecendo a si mesmo. Mas, como saída surge-lhe a escrita literária. Esta que lhe autoriza a revelar o ilimitado, abre espaço para diversas vozes que falam, ignoram ou evocam.

Assim, o escritor estará a salvo, num lugar de proteção, onde o *autor se constitui em autor não-responsável perante seja quem for* (DERRIDA. 1995). Esse o grande segredo *exemplar* que existe na literatura:

Há na literatura, no segredo *exemplar* da literatura, uma chance de dizer tudo sem tocar no segredo. Quando se permitem todas as hipóteses, sem fundamento e até o infinito, sobre o sentido de um texto ou as intenções finais de um autor, cuja pessoa não é mais representada do que não-representada por um personagem ou por um narrador (...) (*Ibid.*, p. 49)

E o segredo da literatura, para Euclides, estará no seu ocultamento e no surgimento de um sujeito plural, heterogêneo, que tenta desvendar o segredo da morte e da vida pelo segredo da escrita. Essa tentativa vai levar esse sujeito a dividir seu mundo com uma enorme solidão – a mesma solidão que a morte suscita. A morte aparece, não de forma singular, mas numa multiplicidade e num deslocar constante. Faz-se companheira a cada etapa da construção desse sujeito que se mostra no universo textual de *Os sertões*. A seqüência das aparições da morte, concretizada em ente que ronda toda a narrativa, facilmente pode ser pontuada durante a leitura da obra.

Inicialmente, a morte se mostra na impossibilidade do jornalista Euclides em reconhecer a verdade proferida anteriormente a sua chegada a Canudos. Ele, ao penetrar no árido sertão, viu desmoronar quase todas as indicações que havia construído em seu artigo “A nossa Vendéia”. Reconheceu a geografia, o clima e até a vegetação, temas que desenvolveu auxiliado por leituras de estudiosos e viajantes do solo brasileiro; mas, ao se deparar com os fatos que se desenrolavam no interior baiano, viu morrer a “verdade” que trazia em sua bagagem. A aridez que encontra não é só a da terra, é a do infértil terreno dos homens do poder que, afastados geograficamente daquele lugar oposto ao cotidiano do litoral, não faziam idéia do que realmente ocorria. Depara-se, assim, com as verdades construídas, com as quais pactuara por extremado senso de nacionalismo. Essa morte o leva ao desencanto com o governo republicano, com o regime, com a política e com os políticos. Perante a morte do jornalista e de sua verdade, Euclides vai recorrer à ciência e à engenharia, para dar conta do que vê.

Com isso, vamos presenciar o desespero perante a impossibilidade de desvendar uma realidade não prevista. Os cálculos e medidas do engenheiro não dão conta da compreensão da situação de abandono do homem sertanejo. As correntes científicas, em voga no final do século XIX, que norteavam a formação de Euclides, se mostram falhas para explicar a

condição de *atraso* daquela gente. A mestiçagem, condenada na época, se mostra como indício de alcance de um povo forte e verdadeiramente brasileiro. Ele se vê à frente de uma terra ignota, desconhecida, representante da nacionalidade também enigmática e desconhecida. Por isso, vai adotar a idéia de que a diferença está na origem das nações, passando a rever as teorias positivistas e evolucionistas. E na confusão que se estabelece entre os conceitos lidos e a realidade apreendida no sertão, Euclides vai vislumbrar a possibilidade de o sertanejo *ser a rocha viva da raça, capaz de cimentar nossa futura integridade nacional* (CARVALHO. 2000: 438). Na dualidade ciência e mestiçagem nasce o grande tormento de Euclides, pois na espera de encontrar uma sub-raça, depara-se com um tipo físico adaptado e apto ao combate; um homem que reúne características não possuídas pelos *raquíticos* homens do litoral. Constrói, então, a idéia de que o mestiço sertanejo seria o ideal de raça forte que a ciência não valorizava, mas sua intenção de constatar a superioridade do mestiço mostra-se apenas como uma *arrojada conjectura*, distante de uma concretização futura. Possivelmente, como nos fala Darcy Ribeiro, Euclides se vê *mais abandonado que amparado pelas ciência de seu tempo* (RIBEIRO. 1995). Desse modo, mais uma vez Euclides da Cunha se encontra com a morte, que será visível através da total inadequação na aplicação das teorias européias ao contexto brasileiro, *incapaz de explicar o arcabouço étnico e cultural brasileiro* (LEMOS. 2000: 201).

Outro conflito vai ocorrer quando Euclides da Cunha, na condição de militar reformado e perante as crueldades observadas, constata o dever dos militares republicanos em representar a parcela superior da humanidade – o mundo branco, europeizado e aristocrático, unido à cultura e à ciência. A missão velada acarretaria uma situação conflitante, já que os soldados faziam parte de uma comunidade nacional, mestiça e considerada inferior. Essa revelação se torna possível quando o sertanejo, presumivelmente, fraco e desordeiro, apresenta uma faceta inesperada e, ao invés de ser subjugado, desmoraliza o exército ao vencê-lo. Esse fato vai colocar diante do republicano Euclides a visão do verdadeiro caos, ao qual chamavam *guerra*. Tudo o que presenciava estava em desacordo com o que sempre acreditou. Essa descoberta, talvez uma das mais doídas, faz aparecer um sujeito enunciativo que se dividirá entre seu irmão de farda e seu irmão de solo. A luta entre irmãos o leva a solidarizar-se ora com o soldado, em defesa da Pátria, ora com o sertanejo, em defesa da vida. Percebe-se, em vários momentos, o surgimento de uma voz na narrativa, que mostra um descrédito para com a civilização, a partir da descoberta desse desencontro entre as duas realidades da sociedade brasileira. Há um forte sentimento de preservação da vida perante essa morte de irmãos.

Numa tentativa de brindar a vida, o sujeito enunciativo buscará aclarar a força da revolta que impõe a morte. Será nesse momento que encontrará a morte como resposta à condição de absurdo da vida. Nessa descoberta, constata que a revolta surge pela condição de absurdo da vida, e ao ver a liberdade total em Canudos, que permite o ato de matar, mostra-se um revoltado. O sujeito da enunciação diz o “não” à possibilidade da morte.

Portanto, o que encontramos em *Os sertões* é uma constante dissimulação da morte, por parte do sujeito enunciativo, que, perante a impossibilidade de fuga, entra no *ponto de risco* que sua escrita exige. Ao entrar nessa zona de perigo, observará externamente os fatos que narra e, estando na posição de espectador, vai encontrar a própria morte nesse caminho. Há uma constante luta durante a narrativa, a do sujeito que se divide entre o “eu” cientificista e o “eu” ficcionista. É nessa luta que se concretiza a sentença de morte que leva ao desmembramento do “eu” e à descoberta da impossibilidade do acabamento do texto. Será nesse momento que o sujeito da enunciação descobrirá a si mesmo, ou seja, se perceberá como um sujeito em construção.

Por conseguinte, essa constatação nos põe à frente da construção de uma sentença de morte, percebida na presença de um corpo que se mantém apesar de cadavérico, como se a viver da morte do outro e a morrer da própria morte (BLANCHOT. 1987). A aparição desse corpo paira entre o rigor cientificista e a penetração das seduções ficcionais da virada do século XIX. Esse corpo impreciso, que se apresenta no jogo do indecível, expõe o esgarçamento de fronteiras, visualizado pela pluralização da morte. Além disso, no deslocamento do movimento de escrita de *Os sertões*, há um sujeito que por vezes se mostra repetitivo e monótono, na impossibilidade de encadear a frase, interrompendo-se, esgotando-se até parar, levando-nos à percepção da escrita como morte.

Essa percepção foi que nos permitiu nomear a morte como operador dessa leitura, possibilitando-nos, através da construção dessa metáfora, desvendar pontos ainda não abordados em *Os sertões*. Por certo, não podemos considerar como concluída nossa leitura, pois as marcas desse passeio textual deixam a inquietude necessária para nos lançar novamente na construção de uma nova aventura de leitura. Porém, esperamos que este texto consiga mostrar o que desvendamos durante nossa viagem por *Os sertões*: que *a crueldade do vencedor é o maior atestado da bravura do vencido*.<sup>10</sup>

---

<sup>1</sup> ...“ele se irrita com as meias-verdades que são meias-falsidades, contra os autores que não alteram nem uma data, nem uma genealogia, mas deturpam os sentimentos e os hábitos, que copiam os fatos e desfiguram a alma”. (trad. da pesquisadora).

- <sup>2</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 38.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.  
Todas as citações utilizadas neste trabalho são da edição acima mencionada; portanto, utilizaremos apenas a abreviatura OS, seguida do número das páginas das quais foram retiradas.
- <sup>3</sup> MELO NETO, João Cabral. “Engenheiro”. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 69.
- <sup>4</sup> Euclides da Cunha nasceu na Fazenda Saudade, num distrito de Cantagalo – RJ; em homenagem ao escritor, a localidade recebeu o nome de Euclidelândia.
- <sup>5</sup> A Revolta da Vendéia – região da França onde ocorreu a aliança entre camponeses e nobres, contrários à Revolução Francesa – 1793.
- <sup>6</sup> A citação foi retirada da obra *Diário de uma expedição*, de Euclides da Cunha, a qual foi organizada por Walnice Galvão, 2000. As próximas citações referentes a essa obra receberão a abreviatura DE, seguida pelo número da página.
- <sup>7</sup> GALVÃO, Walnice. *No calor da hora*. A Guerra de Canudos nos Jornais. 4<sup>a</sup> Expedição. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 1994, 423-424.
- <sup>8</sup> Citação retirada de: GALVÃO, Walnice; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997. As citações seguintes receberão a abreviatura CE como referência, seguida da data de escrita.
- <sup>9</sup> Entrevista concedida a Vivianne Milward de Azevedo, em 20/ 08/ 2000.
- <sup>10</sup> Jornal *O Comércio de São Paulo*, 14/10/1897.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Olympio. *História e interpretação de Os Sertões*. São Paulo: EDART, 1966.
- ARAÚJO, Joana Luíza Muylaert de. “Euclides da Cunha: Literatura e História”. In: *Ipotesi* - Revista de Estudos Literários. V. 2. Nº 2. Juiz de Fora: UFJF, jul/dez, 1998.
- ATHAYDE, Hélio. *Atualidade de Euclides - Vida e obra*. Col. Atualidade Crítica. Rio de Janeiro: Presença. 2<sup>a</sup> ed. [s.d.]
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. (trad. Maria Ermantina Galvão Pereira). São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos*. Prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo: EDUSP, 1995.
- BLANCHOT, Maurice *El diálogo inconcluso*. Caracas/Venezuela: Monte Avila Editores, 1970.  
\_\_\_\_\_. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BRAIT, Beth (org.). *O Sertão e Os Sertões*. São Paulo: Arte & ciência, 1998.
- BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro.- Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3<sup>a</sup> ed. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- CALASANS, José. *Canudos na literatura de cordel*. São Paulo: Ática, 1984.
- CALLADO, Antônio. “Adonais”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 20/09/1998.
- CAMPOS, Augusto e CAMPOS, Haroldo de. *OS Sertões dos Campos - duas vezes Euclides*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

- 
- CANDIDO, Antonio . *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados* Escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Formação das Almas.- O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira – Origens e unidade (1500 – 1960)*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. “Como é o sertão de Os Sertões.” In: *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000, 67-71.
- CORRÊA, Nereu. *A tapeçaria lingüística d’Os Sertões*. São Paulo: Quíron /Brasília: INL/MEC, 1978.
- COUTINHO, Afrânio. *Conceito de literatura brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1911
- COUTO, José Manoel Gonçalves. Missão abreviada para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das missões. 11ª ed. Porto: Livraria Popular Portuense, 1878.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões. Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Os Sertões (1902)*. [Ed. Crítica de Walnice n. Galvão]. São Paulo: Ática, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Paixões*. [trad. Lóris Z. Machado]. Campinas: Papyrus, 1995.
- DIAS, Ângela Maria. “A escrita do corpo cariado”. *Tempo Brasileiro*. Nº 62. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- DIATAHY, Eduardo e ARRUDA, João (org.). *Canudos. As falas e os olhares*. Fortaleza: EDUFC, 1995.
- DIATAHY, Eduardo. *A historiografia tradicional de Canudos*. 18p. In: Site A história de Canudos. <http://www.portifolium.com.br/artigo-diatahy.htm>, out. 1999.
- FERRAZ, Renato José Marques, NETO, Manoel Antônio dos Santos, PINHEIRO, José Carlos da Costa. *Cartilha histórica de Canudos*. Salvador: UNEB; Canudos: Prefeitura Municipal, 1991.
- FOUCAULT. Michel. “Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos I. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universtária, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O pensamento exterior*. São Paulo: Princípio, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O que é um autor?* ( trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro). São Paulo: Vega, 1992.

- 
- FREYRE, Gilberto. “Atualidade de Euclides da Cunha” In: *Temas Brasileiros*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1967.
- \_\_\_\_\_. “Euclides da Cunha revelador da realidade brasileira.” In: CUNHA, Euclides. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, 1995, v.1.
- \_\_\_\_\_. *Perfil de Euclides e outros*. Coleção Documentos Brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.
- GALVÃO, Walnice. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectivas, 1972.
- \_\_\_\_\_. *No Calor da Hora – A guerra de Canudos nos jornais*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Euclides da Cunha*. São Paulo: Ática, 1984.
- GALVÃO, Walnice Nogueira e FERNANDES, Florestan (coord.) *Euclides da Cunha*. São Paulo: Ática, 1984.
- GALVÃO, Walnice Nogueira e GALOTTI, Oswaldo (orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.
- GREIMAS, A. J. [org.] *Ensaio de Semiótica poética*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- \_\_\_\_\_. “Os Atuantes, os Atores e as Figuras.” In: CHABROL, C. *Semiótica Narrativa e Textual*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977.
- GUMBRECHT, H. U. *Modernização dos Sentidos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.
- HATOUM, Milton. “A dois passos do deserto: visões de Euclides da Amazônia.” In: *Revista Literatura Brasileira Teresa*. Nº I, Ano 1. São Paulo: EDUSP, 1º sem. 2000.
- LEMOS, Alzira Brum. *O doutor e o jagunço*. Ciência, mestiçagem e cultura em Janeiro: Editora Forense Universitária, 1989.
- LIMA, Luiz Costa. *Terra Ignota - A construção narrativa de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Euclides da Cunha – contrastes e confrontos do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto: Petrobrás, 2000.
- LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Revan/ IUPERJ/ UCAM, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: UNICAMP / Pontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O Contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MELO NETO, João Cabral. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*. Breve história da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- MONIZ, Edmundo. *A Guerra social de Canudos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

- 
- MOURA, Clovis. *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- NOGUEIRA, Ataliba. Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- PAIS, Cidmar Teodoro. “Algumas reflexões sobre os modelos em lingüística”. *Língua e literatura*. São Paulo: Veja/ USP. n° 9, ano IX, 1980, 89- 116.
- \_\_\_\_\_. Elementos para uma tipologia dos sistemas semióticos. *Revista brasileira de lingüística*. São Paulo: Veja/ USP. v. 6, n° 1, 1982. 45- 60.
- PEIXOTO, Afrânio. “Euclides da Cunha: o homem e a obra”. In: *Poeira da estrada. Ensaios de crítica e de história*. 3ª ed. Rio de Janeiro: W. Jackson editores, 1944.
- \_\_\_\_\_. Discurso de posse, na Academia Brasileira de Letras. 4 (7): 165-88, 1912.
- \_\_\_\_\_. “O outro Euclides: o que sobra d’Os Sertões”. In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro: Revista da Academia Brasileira de letras, vol. 66, 19/09/1943.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.
- RIEDEL, Dirce Côrtes. (Coord.). “Os sertões de Euclides da Cunha e a imprensa da época.” In: *Cadernos do Centro de Estudos Virginia Côrtes de Lacerda*. Ano II, n° 2. Rio de Janeiro: NAPE/ UERJ, 1997/1998.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Narrativa: ficção & história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- ROUANET, Sérgio Paulo. “Retardatários e degenerados.” In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jun., 1997. Idéias e Livros, 5.
- \_\_\_\_\_. *O Espectador Noturno*. São Paulo: Companhia da Letras, 1988.
- SEEL, Antoine. Reflexos da literatura francesa em *Os Sertões*. Trad. SILVA, Manoel Roberto Fernandes da. In: *Gazeta do Rio Pardo*. Suplemento Euclidiano. 09 de ag. de 1997, 02.
- SENA, Jorge. *Estudos de Cultura e Literatura Brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux. “Nacionalidade como metáfora.” In: *Vidya – ficção, história, poéticas*. N° 33. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, jan./ jul., 2000.
- TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- VENTURA, Roberto “Do mar se fez o sertão - Euclides da Cunha e Canudos”. In: Site Casa Euclidiana de São José do Rio Pardo, < <http://www2.rantac.com.br/casaeuclidiana/ventura.htm>> . set. 1999.

- 
- \_\_\_\_\_. “Visões do deserto. Selva e sertão em Euclides da Cunha. Brasil ser tão Canudos”. In: *História Ciências Saúde*, Manguinhos, v. V. Suplemento, pp.133-48, 1998.
- \_\_\_\_\_. “Euclides da Cunha e a República” In: *Estudos Avançados*. 10 (22), 1996.
- VERÍSSIMO, José. “Uma história dos sertões e da Campanha de Canudos”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 03/12/1902.
- VILLA, Marco Antônio. *O povo da Terra*. São Paulo: Ática, 1995.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. Ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.
- ZILLY, Berthold. “Euclides da Cunha na Alemanha”. [trad. Marcus V. Mazzari] In: *Estudos Avançados*. 10 (26), 1996.
- \_\_\_\_\_. “Um depoimento brasileiro para a história universal - Traduzibilidade e atualidade de Euclides da Cunha”. In: *Humboldt*. Ano 38, 1996, nº 72, 8-12.
- \_\_\_\_\_. “A reinvenção do Brasil a partir dos sertões. Como Canudos é a quintessência do sertão, e o sertão a quintessência do país, o livro de Euclides da Cunha “é” o país, ele reinventa o Brasil, contribuindo para a idéia que a nação tem de si mesma.” In: *Humboldt*. Ano 42, 2000, nº 80, 44-51.
- \_\_\_\_\_. “Flávio de Barros, o ilustre cronista anônimo da guerra de Canudos: as fotografias que Euclides da Cunha gostaria de ter tirado.” In: *História Ciências Saúde*, Manguinhos, v. V. Suplemento, 1998.
- \_\_\_\_\_. “Nação e sertanidade: formação ética e civilitória do Brasil, segundo Euclides da Cunha.” In: GAUDIG, Olaf *et al.* *Zwischen Literatur und Philosophie*. Berlin: Gerhard Weinert GmbH, 2000
- \_\_\_\_\_. A Guerra de Canudos e o imaginário da sociedade sertaneja em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Da crônica à ficção. In: CHIAPPINI, Ligia & AGUIAR, Flávio Wolf de. *Literatura e História na América Latina*. Seminário Internacional, 9 a 13 de setembro de 1991. São Paulo: USP, 1993, 37-47.